

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

57

INSCRIÇÕES 262-265



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1998

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO

Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS

Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja

Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos

Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José
d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto “VBI ERAT LVPA”
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



Depósito Legal N° 191563/03

PEDESTAL AO GÉNIO ENCONTRADO
EM VILELA, AMARES
(*Conventus Bracaraugustanus*)

Pedestal de granito fino, de duas micas, actualmente depositado no cemitério de Vilela, freguesia de Vilela, concelho de Amares. A peça terá sido encontrada, há vários anos, em terrenos junto à igreja¹ e serviu de pia de água benta, o que levou à abertura de um orifício circular (profundidade: 21 cm) na face inferior, escavado talvez a partir de uma cavidade já existente, que poderia ter servido para encaixe do monumento num plinto. A face superior apresenta também uma cavidade circular (12 cm de diâmetro e 5,5 cm de profundidade) para encaixe, provavelmente, de uma estátua.

É moldurada na parte superior com um toro seguido de dois astrágalos. O campo epigráfico ocupa todo o fuste e separa-se da base com uma moldura composta por outros dois astrágalos e toro seguido de um pequeno plinto. As molduras ocupam todas as faces da peça, tanto na parte superior como na base, o que pode indicar que o monumento deveria ser visto de todos os lados. Na face lateral esquerda, uma cruz foi grosseiramente gravada, provavelmente na altura da reutilização.

Dimensões: 82,5 x 37/24 x 34/22.

Campo epigráfico: 38,5 x 25/24,5.

(¹) Ao Sr. José Sousa Brandão, morador em Vilela, agradecemos as informações fornecidas.

LVÇRĒTIVS
SABINVS
GENIO VI
RIOCELEN
SI (*hedera*?)

V(*otum*)•S(*olvit*)•L(*ibens*)•M(*erito*)•

Lucrécio Sabino cumpriu de bom grado o voto ao Génio Viriocielense, digno de merecimento.

Altura das letras: l. 1 e 2: 1,3; l. 3 e 4: 1,4; l. 5 e 6: 1,2.
Espaços: 1 a 3: 1,3; 4: 1,2; 5 e 6: 1,3; 7: 1,5.

Paginação cuidada, com alinhamento à esquerda, tendo-se respeitado as sílabas na translineação (linhas 3 e 4). Pontuação triangular utilizada somente na fórmula votiva final; na linha 5, parece-nos poder distinguir uma *hedera*. Caracteres actuários, bastante bem gravados, de *ductus* regular.

O texto ocupa toda a superfície do fuste e apresenta dificuldades de leitura apenas na linha 1, onde se distinguem mal o C e o E.

A onomástica do encomendante é perfeitamente latina e bastante comum na Península Ibérica: *Lucretius*, um gentílico com significativos registos no território peninsular², tal como o cognome *Sabinus*³.

A importância da epígrafe deriva, fundamentalmente, da referência ao Génio Viriocielense, que implica a existência de um topónimo até hoje desconhecido: *Viriocelum*. O facto acresce de interesse se lembrarmos que há no Noroeste outras três dedicatórias ao Génio, todas elas no *conventus Bracaraugustanus*, em que esta divindade é invocada com um epíteto tópico: o *Genius Tongobricensium* de uma ara de Tongóbriga; o *Genius Tiauranceaicus*, objecto de uma dedicatória encontrada na igreja de Estorãos, Ponte

(²) Cfr. ILER, p. 713. O gentílico *Lucretius* ocorre nove vezes na epigrafia do Noroeste (TRANOY, A., *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981, p. 363).

(³) Cfr. ILER p. 743. Sobre as ocorrências deste cognome no Noroeste, veja-se TRANOY, o.c., p. 177, 202, 317 e 330.

de Lima; e o *Genius Laquiniensis*, homenageado em Caldas de Vizela, Guimarães⁴.

Em todos estes casos, as dedicatórias procedem de aglomerados populacionais relevantes na época romana e têm um mesmo objectivo: prestar homenagem ao *Genius loci*, referindo esse lugar através do epíteto dado à divindade.

No caso da peça em estudo, a proximidade do seu local de achado com a Via XVIII⁵ permite supor aí a existência de um povoado romano de alguma importância.⁶

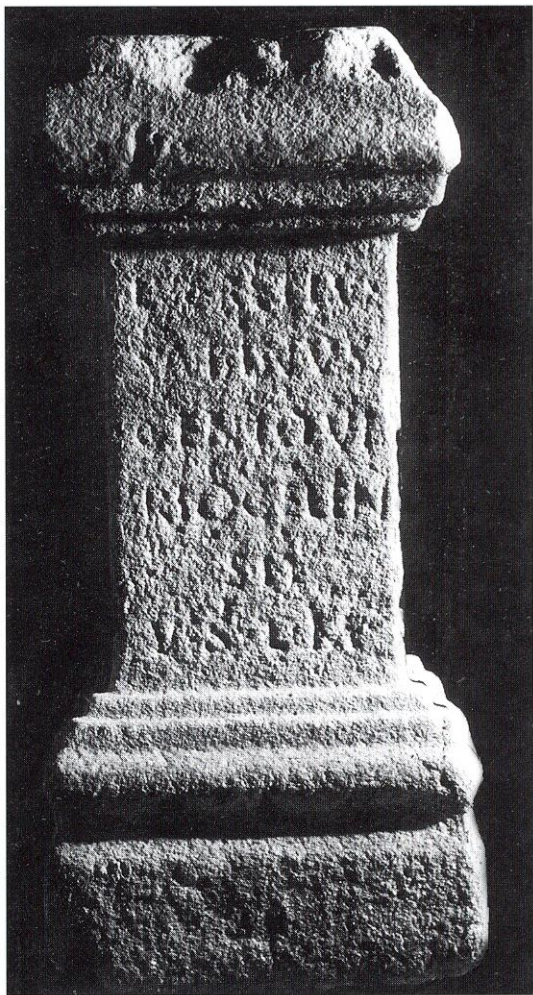
Lucretius Sabinus é, pois, provavelmente um imigrante que presta, em *Viriocelum*, homenagem ao *Genius loci*, num monumento que, pela paleografia e tipo de homenagem, datamos do séc. I d. C.

HELENA PAULA A. CARVALHO

(⁴) ILER 660, 659 e 658, respectivamente. Sobre as menções ao Génio na Península Ibérica veja-se: ILER p. 62-65 e 699; ENCARNAÇÃO, J., *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Lisboa, 1975, p. 186-196; TRANOY, o.c., p. 153, 194, 241, 246, 270, 300-302, 304, 307, 309, 312, 321-322, 329, 333, 377.; ALARCÃO, J.; R. ÉTIENNE; G. FABRE, "Le culte des Lares à Conimbriga (Portugal)", *Comptes Rendus de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, Avril-Juin, 1969, p. 223-225 e 227; e, ainda, SILLIÈRES, P.; MAGALLÓN BOTAYA, M. A.; NAVARRO CABALLERO, M., "El *Municipium Labitulosanum* y sus notables: novedades arqueológicas y epigráficas", *Archivo Español de Arqueología*, 68, 1995, p. 107-130.

(⁵) A povoação de Vilela fica a cerca de 1800 m da estrada romana e muito perto do local onde se terão encontrado os dois miliários agora depositados nesta povoação (MARTINS, M., *O Povoamento Proto-histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado*, Braga, 1990, p. 71-72).

(⁶) A cerca de 10 km, procedente também de um aglomerado populacional muito próximo da Via XVIII (Quinta de Rios de Cima, Amares), um imigrante, *Q. Sabinus Florus*, erigiu um pedestal ao *Genius loci*: ENCARNAÇÃO, José d', "O culto ao Génio no Noroeste Peninsular", *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 2, 1985, p. 41-49.



ARA A JÚPITER DE MATA DE HOZ
(*Conventus Cluniensis*)

La inscripción se descubrió en 1992, en la localidad de Mata de Hoz, perteneciente al municipio de Valdeolea, en el sur de Cantabria¹. Se conserva empotrada en el pavimento del jardín de una vivienda particular, propiedad de los Sres. Fernández.

Se trata de un ara pequeña, muy tosca, realizada con piedra arenisca de tonalidad pardo-rosácea, propia de la zona. Presenta la cabecera en resalte, sin molduración. No se observan restos de *puluini* ni *foculus*, que han podido ser recortados o quedar ocultos en el pavimento. La base del ara y la parte inferior derecha del cuerpo central están fragmentados, con motivo posiblemente de una reutilización del soporte previa a la actual. El grosor sólo es apreciable en el lado derecho; no es seguro que la medida esté completa, pues la cara posterior podría estar rebajada.

Dimensiones: [45] x 30 x 13,5.

Campo epigráfico: 37 x 29.

IOVI / SACER D(edit ?) / AMBAD(us) AL(ius ?) / NEGA[LI
F(ilius) ?].

Consagrado a Júpiter, lo ofreció Ambado Alio, hijo de Negalo (?).

Altura de las letras: l. 1: 7,1; l. 2: 7,3; l. 3: 7,5; l. 4: 5,8.

Espacios interlineales: 1: 8,5; 2: 0,5; 3: 0,8.

El nombre de la divinidad, *Ioui*, figura en la cabecera, enmarcado

(¹) J. M. Martínez González comunicó el hallazgo a J. M. Iglesias Gil, a quien debemos la información.

en la parte superior por medio de una línea incisa. El resto del texto se encuentra en el cuerpo central del ara, con las líneas iniciadas en la cara frontal y prolongadas por el lateral derecho. Los renglones 2 y 3 podrían estar incompletos, aunque no es del todo probable; en cambio la pérdida de texto es segura en la última línea, debido al recorte que ha sufrido el ara.

La escritura está poco cuidada. La prolongación de los renglones por la cara del lateral derecho no parece programada. Las letras son capitales rústicas, realizadas con un surco grueso y profundo; su tamaño es grande en relación con las dimensiones del campo epigráfico. Se utilizan los nexos *AM*, *AD* y *AL*. La letra *A* carece de travesaño, salvo en el enlace con la *M*; la *S* es abierta y está inclinada a la derecha; existe tendencia a la verticalidad en las letras *E*, *S* y *B*; la *M* es muy abierta; el palo vertical de la *B* sobresale por encima y debajo de la caja. Se observa en la segunda línea un signo de puntuación formado por dos puntos, de uso poco frecuente en la epigrafía sobre piedra.

El principal problema en la interpretación del texto radica en el término *sacer*. Pensamos que la mejor solución es considerarlo equivalente a *sacrum*. La abreviatura de *sacerdos* debe excluirse por no encajar con las características del epígrafe. Los nombres personales *Sacer* y *Sacerdos* tampoco convienen a la lectura; *Sacer* es un *cognomen* latino sin atestiguar en la Península Ibérica y *Sacerdos* sólo está presente una vez en Barcelona (*AE*, 1957, 27). La presencia de *sacer* en lugar de *sacrum* puede obedecer a un error del lapicida, por descuido o desconocimiento de la forma latina correcta.

La lectura del resto del texto se ve dificultada únicamente por los problemas que ocasiona la fragmentación. Interpretamos que la letra *D* en la segunda línea corresponde al verbo, aunque su posición es anómala, pues antecede al sujeto². A continuación, figura el nombre del dedicante, formado por tres posibles elementos: *Ambad(us) Al(ius ?) Nega[li f(ilius) ?]*. También puede plantearse la lectura *Ambadal(us) Nega[li f(ilius) ?]*, pero ésta tiene el inconveniente de añadir una variante nueva al repertorio de nombres derivados de *Ambatus*. La opción elegida se apoya en la comprobación de los tres antropónimos en la epigrafía cántabra y en la frecuente aparición de *Ambatus* en

(²) Junto a *d(edit)* caben las lecturas *d(edicauit)* o *d(onauit)*, atendiendo a su representación epigráfica (J. M. Iglesias Gil, "Las fórmulas en las inscripciones latinas votivas de la Hispania romana: ensayo lógico estadístico", *HAnt*, XVII, 1993, p. 310).

compañía de un segundo nombre indígena, sobre todo en el sector central de la cordillera cantábrica y Meseta norte³.

El ara de Mata de Hoz destaca por su tosquedad e indigenismo, evidente en la onomástica y los errores de la escritura. Nos encontramos ante un nuevo testimonio de culto a Júpiter en ambientes poco romanizados del norte de la *Citerior*. Aras rústicas dedicadas por indígenas a Júpiter proliferan especialmente en el noroeste peninsular⁴. En la mayoría de los casos, la divinidad va acompañada de los epítetos *Optimus* y *Maximus*, que sin embargo faltan en este ejemplo⁵. La fuerte asimilación del culto a Júpiter en regiones de predominio indígena ha sido explicada desde distintos puntos de vista: el papel difusor del ejército, la amplitud de poderes que se atribuyen a la divinidad, su posición preeminente dentro del panteón romano, el sincretismo con dioses indígenas, etc.⁶. Por lo que se refiere de manera directa a Cantabria, en ciertas emisiones monetales con la leyenda *IO CANTAB* se ha querido ver la prueba de un dios local asimilado a Júpiter, el cual es rechazado por L. Okamura⁷.

El dedicante de la inscripción es un peregrino, cuya nomenclatura parece estar compuesta de dos nombres indígenas y la filiación. *Ambadus* es una variante de *Ambatus*, producida por la sonorización de la oclusiva sorda intervocálica⁸. Se trata del nombre personal de

(³) *Ambatus Alebbius* [B]odani f. en Belorado (Burgos), *Ambatus Celtius* en Marañón (Navarra), *Ambatus Pentouiecus Ambatiq(um) Pentoui* f. en Luriezo (Cantabria), *Amba[tus] Placi[dus Am]bati* [f.] en Fuentes de Peñacorada (León), *Ambatus Vectus* en Contrasta (Alava), *Ambatus Vemenus Ati* f. en Lara de los Infantes (Burgos), etc. (vid. J. M. Abascal Palazón, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia, 1994, pp. 270-271).

(⁴) P. Le Roux, A. Tranoy, "Rome et les indigènes dans le Nord-Ouest de la péninsule ibérique. Problèmes d'Epigraphie et d'Histoire", *MCV*, 9, 1973, pp. 218-220.

(⁵) Según A. M^a Vázquez Hoys, en *Hispania Iovi* se presenta desprovisto de epítetos en el 25 % de los casos, coincidiendo con inscripciones toscas, típicas de contextos indígenas en la Lusitania (A. M^a Vázquez Hoys, "El culto a Júpiter en Hispania", *Cuadernos de Filología Clásica*, XVIII, 1983-1984, p. 96).

(⁶) D. Plácido, "La conquista del norte de la Península Ibérica: sincretismo religioso y prácticas imperialistas", *Mélanges Pierre Lévêque*, 1 Religion, 1988, pp. 231-233.

(⁷) Se trata de antoninianos procedentes de *Siscia* (Pannonia Superior). Según el autor, en ellos se representa al Júpiter capitolino como señor de los estandartes militares, pues el término CANTAB no debe interpretarse como etnónimo sino como equivalente a *vexilla* (L. Okamura, "Jupiter, Lord of Cantabra", *Klio*, 74, 1992, pp. 314-323).

(⁸) M. Sevilla, "Ambatus en la epigrafía hispánica", *MHA*, I, 1977, p. 163. *Ambadus* se encuentra en Barniedo (León) y *Ambada* en las localidades burgalesas de Quintanaléiz y Villafranca-Montes de Oca (J. M. Abascal, *Op. cit.*, p. 269).

origen indígena que cuenta con mayor número de testimonios en Hispania⁹; su principal área de difusión coincide con la Meseta norte, oriente de Lusitania y territorio cántabro-astur¹⁰. *Alius* y *Negalus* son también antropónimos indígenas, representados en menor medida en la epigrafía de la Península Ibérica¹¹.

La inscripción puede datarse en los siglos I-II, en función de su indigenismo y la interpretación de *sacer* por *sacrum*, aunque el valor cronológico de esta fórmula es escaso, dada su larga pervivencia¹².

El ara de Mata de Hoz no tiene relación probada con un núcleo de población romano, pero sí puede ponerse en relación con el paso de un ramal de la calzada que enlazaba *Pisoraca* (Herrera de Pisuerga) con el *Portus Blendium* (Suances), en la costa de Cantabria.

ALICIA RUIZ GUTIÉRREZ



(⁹) J. M. Abascal contabiliza un total de 93 menciones (J. M. Abascal, *Op. cit.*, pp. 31-32).

(¹⁰) J. Unterman, *Elementos de un atlas antroponímico de la Hispania Antigua*, Bibliotheca Praehistorica Hispana, VII, Madrid, pp. 51-52.

(¹¹) Dentro del territorio de la Cantabria romana, se documenta un *Alius* en Prioro y un *Negalus* en Valmartino, Sorribas (J. M. Iglesias Gil, *Epigrafía cántabra*, Santander, 1976, 106 y 121).

(¹²) M.-T. Raepsaet-Charlier, *Diis Deabusque sacrum. Formulaire votif et datation dans les trois Gaules et les deux Germanies*, Paris, 1993, p. 24.

EPÍGRAFES LATINOS INÉDITOS DE LA PROVINCIA DE SORIA

El permanente descubrimiento de inscripciones latinas enriquece, paso a paso, el conocimiento de períodos y regiones de la Hispania romana para los que, de otro modo, sólo tendríamos un saber esquemático y muy incompleto. Y esto es así por la curiosidad y el esfuerzo de muchas personas, con frecuencia anónimas, que se preocupan por el hallazgo y la conservación de un patrimonio cultural que pervive, a veces medio ignorado y escondido, en los más insospechados lugares de nuestra geografía. Esto es especialmente cierto en una provincia como Soria, donde muchos pueblos y comarcas, por causa de una demografía especialmente adversa, están revirtiéndose al estadio de *terra ignota*. Sin embargo, el despoblamiento y sus secuelas de abandono y ruina están suscitando un aprecio generalizado por los vestigios del pasado — trátase de conjuntos monumentales arruinados por incuria o una modesta lápida latina aparecida al reformar un edificio — y hacen sentir la necesidad de su divulgación. En esta nota damos a conocer dos recientes hallazgos epigráficos de la provincia de Soria de los que hemos sabido precisamente gracias a personas interesadas en la preservación del patrimonio cultural.

Al suroeste de la provincia, cerca del pico Grado y en las estribaciones de la sierra de Pela, se encuentra la pequeña aldea de Noviales, ribereña del río Pedro y a unos 9 km. de distancia a vuelo de pájaro del notable conjunto arqueológico de Termes. Aunque no ha encontrado sitio todavía en la bibliografía arqueológica, Noviales conserva algunos restos antiguos que nos fueron mostrados por un buen amigo de San Esteban de Gormaz, José Miranda Hernández.

El más llamativo de esos vestigios, presumiblemente traídos de las ruinas del oppidum cercano, es un altar de caliza local de color rojizo cuyas medidas actuales son (40) x (25) cms. La pieza se encuentra embutida a unos cuatro metros de altura en la pared de una casa, propiedad de D. Vicente Vicente, que da al callejón que sale de la calle de la Iglesia. Para conseguir una superficie uniforme y acomodarla a su la nueva función constructiva se rebajaron los resaltes del pie y de la cabecera de la inscripción y, presumiblemente por esta causa y por la exposición a la intemperie, la superficie inscrita ha sufrido un severo desgaste, más aparente en su parte inferior y en el lado izquierdo; a pesar de ello, el texto (que ocupa lo que debió de ser la parte central del monumento y mide 30 x 25 cms) parece intacto, salvo por la pérdida de algunas letras al comienzo y fin de los renglones. Las letras miden 4 cms y la interpunción es triangular, excepto en el final de la lín. 5ª, donde se puso una *hedera* de gran tamaño.

En razón de su desgaste y de la altura a que se encuentra, el epígrafe no se presta a una cómoda autopsia, pero gracias a la colaboración de un vecino que nos proporcionó una escalera, pudimos fotografiarla y examinarla con detalle en los primeros días de diciembre de 1995, aunque las dudas de lectura que exponemos seguidamente nos obligaron a un segundo examen un año después (vid. foto 1). Lo que leemos es:

L. VAL(erius) . FALERNV[s]
 [C]OTONINV(s)
 MILE[S] . LEG(ionis)
 VII . G(eminae) . P(iae) . F(elicis) . V(otum) [S(olvit)]
 5 MARTI .

El epígrafe se data a partir del siglo III gracias a los *cognomenta* de la unidad militar, pues la legión VII debió adquirir el epíteto *Pia*

en la época severiana (García y Bellido 1970, 593), lo que resulta una fecha conforme con la aparición del nombre gentilicio de un modo abreviado y ahorrador de rasgos.

El antropónimo presenta algunos problemas de interpretación, puesto que a primera vista no es aparente cuáles eran las respectivas funciones de la tercera y cuarta palabras. Por su forma y posición, la tercera parece corresponder a la *tribus Falerna*, ya que ocupa el lugar adecuado en la estructura onomástica y lo que queda de la última letra podría tenerse como una A: aunque los rasgos conservados apenas permitan esa posibilidad, ese ligero forzamiento de la evidencia entra dentro de lo permisible dado el mal estado de la piedra. Sin embargo, tal licencia no sólo es injustificada al no conocerse otra ocurrencia (cfr. Wiegels, 1985) de esa tribu en Hispania (lo que no resulta un gran argumento, puesto que siempre hay una primera vez) sino que la moda de indicar la tribu en las inscripciones resultaba ya anacrónica en el siglo III (Le Roux 1983, 330). Además, parece innecesaria porque la última letra visible del nombre es con toda certeza una V y *Falernus* es un *cognomen* ampliamente atestiguado en diversos lugares (Mócsy *et alii* 1983, 123; Solin-Salomies 1988, 329).

La palabra siguiente presenta parecidas dificultades interpretativas. Aunque está mutilada al principio y al final, se puede suponer que la primera letra debió de ser una consonante y la última una S. Si *Falernus* es, como se pretende, un *cognomen*, aquí podíamos encontrarnos con el *origo* del personaje, pero hemos sido incapaces de encontrar un topónimo adecuado para reconstruir el comienzo de la palabra; de nuevo, la ausencia de paralelos no puede ni debe ser causa de exclusión de tal posibilidad. En la duda, hemos optado por restituirlo [*C]otoninu[s]* — una forma no atestiguada pero derivativa del muy común gentilicio *Cotonius* (Mócsy *et alii* 1983, 90; Solin-Salomies 1988, 62) — y considerar que se trata de un segundo *cognomen*. Debe hacerse notar que un soldado con polinomios es ciertamente inusual y, además, otros posibles ejemplos hispánicos de esta práctica (CIL II 2359 y 2362) han resultado ser malas lecturas (cf. CIL II 2 7, 907 y 958). Sin embargo, hay bastantes otros casos en que el uso de dos o más *cognomina* entre individuos no pertenecientes a los *ordines* senatorial o ecuestre resulta indudable y he aquí una selección entresacada del índice de CIL II: 320, *C. Terentius Maxumus Terentianus*, de Sintra; 1188, *Q. Pomponius Clodianus Antonius Iuventinus* y *Q. Pomponius Clemens Sabinianus*, de Hispalis; 1481, *M. Iulius Hermes Frontinianus*, de Astigi; 1874, *M. Publicius Victor*

Cippianus, de Gades; 4196, *L. Aufidius Masculi f. Celer Masculinus*, de Tarraco; 4216 y 6095, *L. Fonteius M. fil. Gal. Maternus Novatianus*, de Tarraco.

La línea última presenta otra dificultad de lectura porque el desgaste de la piedra y la hederá final contribuyen a enmascarar lo que se escribió en la piedra como *marito* u otra forma similar, lo que además, permite entender la V del renglón anterior como *u(uxor)*. Este problema nos llevó a una nueva autopsia de la piedra y a la comprobación de que, independientemente de las ilusiones ópticas inducidas por los juegos de luces o el contraste de la fotografía, lo que se escribió en la piedra fue, con toda certeza, *Marti*.

Los datos disponibles demuestran la popularidad del culto a Marte en las comarcas que hoy componen la provincia de Soria; por una parte, fue una devoción propia de soldados, como sucede con los dedicantes de los altares de Añavieja (Jimeno 1980, nº 5 y 6; Gómez-Pantoja 1987, 233); pero también cautivó a quienes —aparentemente— nada tenían que ver con el oficio de las armas y se veneró a esta divinidad en Calderuela (CIL II 2834), Garray (Jimeno 1980, nº 9 y Gómez-Pantoja, en prensa); Pinilla del Campo (Jimeno 1980 nº 24); en Villar del Campo (Borobio, Gómez-Pantoja y Morales 1987, 249 nº 11 = HEp 2, 669); y posiblemente, en Valdanzo (Jimeno, Argente y Gómez-Santa Cruz, 1988-89, 411-12 = HEp 4, 838).

Finalmente, queda decir que este es el segundo testimonio de la presencia de la legión VII en lo que hoy es la provincia de Soria; el otro es un altar de la Fortuna, posiblemente de mediados del S. II, encontrado en la vecina Vxama (Jimeno 1980, nº 21; Le Roux 1983, 327).

265

San Esteban de Gormaz es, epigráficamente hablando, el lugar de la provincia con más interesantes testimonios. Muy cercana a otra lápida funeraria recuperada recientemente e al derribarse un viejo edificio (Gómez-Pantoja y García Palomar 1995, 189-92) se halla nuestra segunda inscripción, de la que supimos por noticia de Javier Ortega y José Miranda Hernández.

Se trata de un bloque rectangular de caliza local muy mutilado cuyas dimensiones actuales son (27,5) x (37) cms. y que sólo conserva

cinco letras y los ápices superiores de algunas de la línea inferior; la interpunción triangular es apreciable en la lín. 1ª y, en menor medida, en la siguiente. Las letras, capitales cuidadosamente grabadas, miden 7 cms. La pieza está inserta en el muro posterior de una casa, enfrente del número 19 de la calle Santa María, donde la examinamos y fotografiamos en diciembre de 1995 (vid. foto 2). Su texto es el siguiente:

[...] . PATR[I...]

[...] . [--] T [-] [...]

Antes del punto de la primera línea se aprecia un rasgo alto que puede pertenecer a la palabra anterior a *patri*. La única letra de la lín. 2ª que se reconoce con facilidad es la T que hemos marcado; las otras están arruinadas y result a difícil opinar sobre su estado anterior. Dada la cuidadosa factura del letrero puede suponersele datado en el s. I de C.

JOAQUÍN GÓMEZ-PANTOJA

FÉLIX GARCÍA PALOMAR

REFERENCIAS

- BOROBIO, M. J. - GÓMEZ-PANTOJA, J. y MORALES, F. (1987): "Diez años (y dos siglos) de epigrafía soriana", *Celtiberia* 74, pp. 239-258.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. (1970): Estudios sobre la Legio VII Gemina y su campamento en León, en *Legio VII Gemina*, León, pp. 570-99.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. (1987): "Two Army-related Inscriptions from Central Spain", *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik* 68, pp. 232-6.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. (en prensa): "Viejas piedras, nuevas lecturas, II: Lápidas romanas de Numancia y sus alrededores", *Homenaje al prof. Montenegro*, Valladolid.
- GÓMEZ-PANTOJA, J. y GARCÍA PALOMAR, F. (1995): "Nuevas inscripciones latinas de San Esteban de Gormaz (Soria)", *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología de Valladolid* 61, pp. 185-196.
- JIMENO, A. (1980): *Epigrafía romana de la provincia de Soria*, Soria.
- JIMENO, A. - ARGENTE, J. L. y GÓMEZ SANTA CRUZ, J. (1988-89): "La 'villa' de San Pedro de Valdanzo (Soria)", *Zephyrus* 41-42, pp. 419-54.
- LE ROUX, P. (1983): *L'Armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, París.
- MÓCSY, A.-FELDMANN, R.-MARTON, E. et al. (1983): *Nomenclator provinciarum Europae Latinarum et Galliae Cisalpinæ cum indice inverso*, Budapest.
- SOLIN, H. y SALOMIES, O. (1988): *Repertorium nominum gentilium et cognominum Latinorum*, Hildesheim.
- WIEGELS, R. (1985): *Die Tribusinschriften des römischen Hispanien. Ein Katalog*, Berlín.

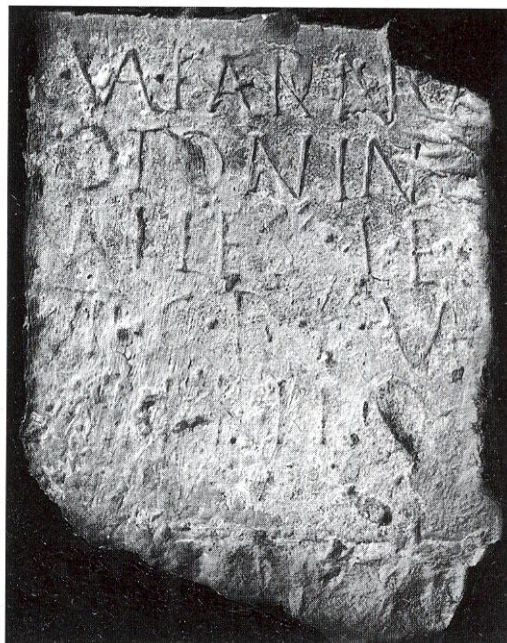


Фото 264

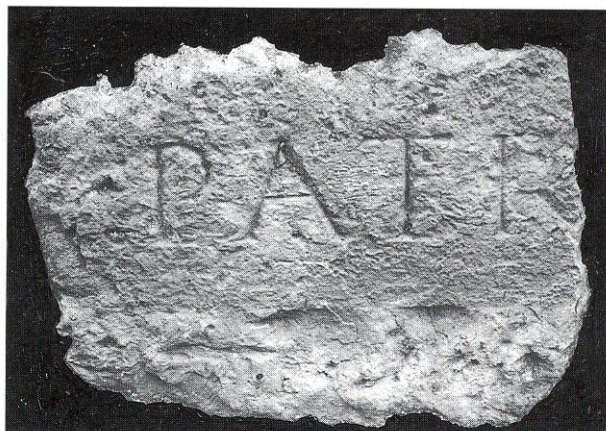


Фото 265